

Publicação hebdom d'ria

CRITICA, LITTERATURA

ARTE E

SPORT



COLLABORADORES DIVERSOS

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Se nestre . . . . . 5\$000  
Trimestre . . . . . 2\$500  
Numero avulso. . . . . \$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO

RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 27 de Maio de 1900

N. 9

## PETALAS

Mãos lacteas, mãos nervosas de rainha, sois todo o meo encanto, fidalgas delicadas, petalas lirias que tendes o segredo sublime dos magnetismos irresistiveis.

No concavo de vossas conchas, oh corollas sylphicas dos Sonhos, eu vejo um mundo de segredos, discretos, silenciosos, prehes de promessas, como um credo de fé.

Tenho medo de tocar-vos, sim, porque não confessal-o ! tenho medo.

As minhas mãos são impias, têm sellado muitos crimes; são como os punhaes cujo exercicio assignala a serie tabida de horrores que os ruborisa indelevelmente.

Mãos de fada, pequeninas garras do Amor, eu temo o vosso contacto, como Judas criminoso a palavra perdorosa e mansa de Jesus

No mappa azuleo que as veias caprichosas bordam em vós eu vejo toda a topographia ideal dos meos devaneios, a planta exacta de vossos contornos, oh, mãos olympicas, oh, fragmentos cerulos de alvoradas em rosas.

Tenho medo de tocar-vos, sim, doces petalas phryneicas, não tenho a coragem de um Praxitelles para estudar em vosso contacto a natureza de vossa possuidora.

O meo cinzel é fraco, meo genio é pobre e me fallece a competencia de um Pigmaleão.

Iris aureareaes extremam vossos dedos e as mãos plebeas de um artista da palavra arreceiam-se ante a electrificante potencia de vossa impressão.

Si eu fora um poeta vos chamaria magas, oh mãos vibrantes, langues cordas do violino occulto de um coração ardente.

Temo vosso contacto, fujo de vós, temo a maciez velutinea de vossa epiderme, porque tenho sangue e um sangue insubmisso.

Temo tambem a energia de vosso aperto, oh mãos causticas, porque vulcanisaes o meo coração, insurgindo-lhe exaltações adormentadas, expellindo d'elle lavas terrificas de sonhos mortos em poeira envenenadora de Ideias.

Mãos lacteas, mãos nervosas de rainha, meo eterno encanto, fidalgas delicadas, petalas lirias que tendes o segredo sublime dos magnetismos irresistiveis, eu vos acclamo, oh cicutas de minh'Alma.

GAMA D'AVILA

## ABRIL

*Voluvel coração,—soffres, bem sei, creança!  
O amor que em ti nasceo, embora outro te anime,  
faz que a ultima dôr seja, como a esperança,  
doce, e o novo prazer amargo como um crime.*

*Abril teu coração perfeitamente exprime:  
—canta, perfuma o ar, desabotô a trança.  
Mas, vem o inverno, e adeos, ramaria sublime,  
prados em flor! adeos, Abril, que o inverno avança!*

*O sol verteo na flor toda a seiva fecunda;  
mas o vento de neve os laranjaes circumda...  
E entre bosques sorrindo e ceos vertendo horrores*

*de prantos—nota, heroína!—ha um mixto de prazer  
e lagrima, de neve e flor... Sei eu dizer  
se floresce com a neve, ou se néva com as flores!?*

D. NASCIMENTO



go esse que eu quiz levar commigo, n'um d'esses impulsos generosos que a riqueza não consegue destruir.

Eramos já á meza, e isso, si bem me recordo, n'um *reservé* do Maxime, em Paris.

O meo ex-amigo da pobreza, (porque eu então coraria em apresental-o como um amigo), que, depois de ter sido convenientemente apreciado o seo talento, fôra mandado para a Europa para aperfeiçoar-se na sua *mania* antiga, que nós co-tumavamos applaudir com botas e livros, o meo ex-amigo com sua palavra arrebatadora e suas ideias romanescamente orientaes, soubêra transformar-nos, bem como o *champagne* despejado, em folgasões nevêrticamente sedentários.

De Baccho á loucura pouco tivemos que andar.

E como eramos todos ricos, (menos o meu antigo amigo), cogitamos de uma excentricidade

Juises eclipsados, fóra dos competentes cerebros, resolvemos tentar a loucu a pelo *absintho*, mas o *absintho* puro, em golos anti-dosimetricos.

Beben os, bebemos muito, não sei quanto.

De repente vi o meo antigo amigo da pobreza erguer-se ante mim e apostrophar-me de ingrato. Devo confessar que devia-lhe muito, muitos obsequios valiosos e irpagaveis materialmente.

—Que o insultára porque era pobre, mas que elle saberia perdoar-me porque eu estava irresponsavel.

Coitado! não sabia que o ouro me transformara e eu era outro homem.

Retruquei aspero, chamei-lhe... não sei o que.

Elle reagiu.

Cre o que magoaram-me suas palavras, conforme asseguraram-me os meos então novos amigos millionarios como eu

Trazia um punhal, saquei-o, cravei lh-o rapido no peito, uma, duas, dez, cem vezes—nervosamente, epilepticamente, com furor rabido.

Os meos modernos amigos, bebidos como eu, ajudaram-me.

O sangue esguichara rubro, quente e abundante das feridas.

Uma excentricidade! gritou um de nós.

E, como elle, aparamos sangue, bebemol-o nas mesmas taças em que ha pouco escurrera o *absintho*.

Mas a sêde augmentára.

Buscamos feril-o novamente, ao meo ex-amigo, e... o sangue, coagulado já, não sahiu, talvez quêdo de horror.

\*\*\*

Como acabou-se essa noute não o lembro.

Hoje que já são passados muitos annos sobre isso, milhares de dias, ainda não pude ter uma só noute de repouso absoluto.

Nada parece faltar-me, entretanto.

Tenho ouro, muito ouro ainda, sou titular, membro humanitario de muitas associações, tido e havido como exemplo de honradez, sem inimigos para a massa indifferente, mas... mesmo assim... não consigo dormir.

Um phantasma persegue-me, e eu sempre vejo-o com um estandarte negro onde em caracteres flammíneos destacam-se umas palavras, cujas lettras são como dardos que me envenenam.

E' um castigo moral que eu occulto no isolamento de meo viver esmoler actual.

Essas palavras, preciso dizel-as, são:—remorso e consciencia!

MARIO MARCIAL

## SEREIA

Monstros do ventre abaixo e deusas ventre acima

E. DE MENEZES

*Reparem neste bronze, veia a veia:  
Cornucopia de setos e de escamas,  
Obra de um japonês do Fusiana,  
Que adora o Mar e a enluarada areia;*

*Canta e essa harmonia nos golpeia,  
E' de uma triste e merencorea gama,  
E mais augmenta deste bronze a fama  
O olhar adormentado da sereia.*

*Penso que sonha o Polo e o Nevoeiro  
E a pallida talhada de um crescente  
N'um cêo de veus de noiva e jasmíneiro.*

*E, como buzios, a ferver, resôa,  
N'uma langue preguiça de serpente,  
N'um extsasis nostalgico de leoa.*

OSCAR ROSAS

## TRACOS À LAPIS

V

*Pé'spaiado...*

Os turcos têm-lhe inveja aos bigodes e á musculatura. Forte como um touro. Ha tempos jogando o pulso com o Jorge espatifou uma mesa de maamore no Garofallis.

Sadio e gigante, rijo e estouvado, ai daquelle que lhe cair na munheca mestra e sobre a toeza dos seus pés phenomenaes!

Dá-se a ares de elegante; mettido no seu redingote amplo e na sua cartola maior do que o cano de um transatlantico, eil-o rua fóra, um *bré-va* aos queixos masthodonicos, bigodes mephistophelicos, retorcidos, cor-tejando aqui, ali, acolá. deitando donaires ao corpo, sibilando phrases

mellifluas... ensaiando olhares ternos e um andar cavalheiresco... principalmente si lá em cima, na sacada ou na janella, avista a silhueta elegante de alguma curiosa que se arqueia á grade ou ao peitoril para conhecer... o volume que passa!

Nos salões de baile é incommensuravel! não procura as feiosas para dançar; o seu par é sempre uma joven de olhar fascinante e esculpura em fórmãs.

E ainda que ella não queira, a sua insistencia é tamanha, que a misera é vencida. Então, agora vereis:—em sahindo com o par, n'uma furta tempestuosa de rodeios e trambolhões, o peiço é certo.

—Livra o pé!!!

Pois senhores, aquelle brutamontes que ahi vae todo dengoso, que a dança espalhafatosamente walsas diabolicas; aquelle rapagão largado que lá veio dos campos, dessa região serrana dos fortes e dos meigos, quanto mais quer requintar a phrase, mais engrola e mais assassina o nosso idioma, é de uma dedicação extraordinaria aos seus amigos e aos seus chefes, tem a ventura de ser um sincero na sua meia-lingua pittoresca e um bravo nas lutas em prol das ideias que defende.

A seo respeito contam-se episodios cavalheirescos dos tempos da revolução, capazes de figurar n'uma pagina da historia contemporanea, em que o homem atacado em seo covil como uma fera faz prodigios de causa e admiração dos adversarios...

A sua bravura faz systema com todo o seo physico e... com todo seo intellecto.

Dêem-lhe dois dedos de prosa bellica, e o seo cerebro e os seus braços e os seus pés produzem um temporal!

Serve junto a palacio ha alguns annos, sempre na mesma linha recta do seo officio, a contento dos seus partidarios e dos seus chefes. É um cabo de ordens politico, em a verdadeira accepção consciente da palavra.

Mas aquelle galanteio junto a uma dama...

E aquelles pés quando a walsa é americana...—livra!

FABER

## NOTAS

Que lestada diabolica, senhora! Lama por toda parte; dias frios, húmidos, tempestuosos; a chuva tamborilando nas gelosiãs continuamente; ventos assanhados soprando rijos, desembestados, furiosos, azoanagantes, indomáveis; as enxurradas sussurrantes denando as ruas, os viellas, os caminhos, cavando sulcos; o mar rugindo formidavel pelas escamas das rochas monstruosas, tentando galgar o topo dos penedias, lavando os arrecifes, raspando as praias, arietando de encontro as muralhas, num canhão interminado, atreador.

Invernado em meo gabinete, capuz cobrindo as orelhas, manta de lã aos pés, eis me a contemplar semolento, spleentico, tedioso, esquisito, simplesmente infame, os minutos que correm, as horas que passam, os dias que desaparecem, sem nada ter feito, sem mais nada ter visto nem ouvido, a não ser a rajada indomita e agonisante dos ventos, o chéu cado do chuveiro sobre os lagedos, o marulhar estrepitoso das ondas, e essa diabada toda que se assanha quando o temporal reina sobre os seus dominios, uma semana inteira.

O' chuva!

Para que a chuva? Chuvas vejo eu em dias de sol. Chuviseos vejo eu em manhãs de ressaca quando a victima desperta com gosto de cabo de chapéo de sol...

Para regar as plantas?

Mas se as plantas dos meus pés se molham, a constipação é certa. Outros ha que constipam debaixo de confortavel telheiro...

Para nos dar agua para beber? Aprendi com um sabo allemão que a agua H<sup>2</sup>O é um composto chimico, que, dizem, bebem os bois... e eu por enquanto pertenco á raça humana; de guampas só uma com excelente leite, olé!

Para que a chuva? Conheço, por ouvir falar, uma agua que se bebe quando chove, quando faz sol, quando faz frio e quando faz calor, tudo medicinalmente por causa do diabo do bicho. Em sendo necessario—mate-se o bicho; mas não é agua que ande por ahi ás enxurradas; faz temporaes, faz ressacas, mas é, segundo a opinião dos vendedores no assumpto,—incendiaria, escaldante...

Para que então os céos se cobrem de nuvens, as arvores gemem em torricolos desesperados, os viandantes envergam os capotes, as ruas se cobrem de lama? Para quê? O' chuva! O' José dos Papeis! estás mal comigo?

Forte rajada, resmungando, abala o meo casebre, provoca as minhas iras. Ponho o nariz grotesco dois dedos fóra da vidraça.

Que horror! é o pampeiro indomavel, terrivel e brutal. So lhe conhecem a força dos pasteis as náos valentes, os telhados resistentes e o cedro altaneiro. Forte pampeiro, como eu te admiro, neste mesmo instante em que te odeio!

Prestas reaes serviços com a tua furia: destróes velhos casarões mal equilibrados, fóra do prumo, essas enormes rugas que enfeiam as cidades modernizadas; quebras sobre os rochedos marinhos essas antigas naves, já desconjunctadas, corroidas pelo guzano, verdadeiros esquifes do destemido viajor; derribas o cedro altivo antes que a faisca electrica fulmine traiçoeiramente ao misero lenhador que fóra buscar guarida á caverna do seo tronco annoso; varres a atmospherã dos miasmas que ameaçam atormentar a humanidade. Vens lá dos pampas, desse sul bellicoso, montado em teo cavallo branco, ameaçando céos e terras atravessando cidades e aldeias como um Attila vencedor, pisando, guasqueando as multidões...

Tens afinal um quê de bemfeitor e de audacioso e de despota.

Mas, ouve lá meo gaúcho de lança tridentina:

Ante o pampeiro da vida que a minha alma atravessa, impavida e serena, tu não passas do halito de um beijo a furto...

LÉO-LINO